

A RESPEITO DE VINHOS

13.5.66
Rubem Braga

EU ainda sou do tempo em que um bom tio português, morando lá no interior do Espírito Santo, podia mandar vir de Portugal pipas de vinho de sua aldeia e dava de beber a toda a família no almoço e no jantar — moderadamente mas infalivelmente. As crianças tomavam «sangria». Melão só se comia com vinho do Pôrto e açúcar. E quando uma senhora de casa ficava doente e depois começava a convalescer era uma extravagância bonita, quase uma superstição, mandar abrir uma garrafa de **champagne** para a doente restaurar suas forças.

Mas a verdade é que, em minha casa mesmo, a bebida das refeições era água; aos domingos uma cervejinha; vinho era coisa rara para dia de aniversário ou então quando o tio português vinha comer um robalo assado ao forno com farofa dentro — e era de rigor um vinho branco. Quando, rapazola, fui estudar no Rio e depois em Belo Horizonte, bem que apreciava um **colares** ou um **chianti**, mas o dinheiro não dava para essas loucuras, e a juventude não liga muito aos prazeres da mesa. Às vezes, por bravura, num buteco do Catete, numa noite de sábado, a gente mandava baixar um «Telefone» — que me perdoe o fabricante se esse vinho ainda existe, mas em meu tempo era um ato de meio suicídio, era coisa para estudante que tinha sido reprovado ou chutado pela namorada — era áspero, carregado de anilina e aguardente; era o pior. Mas todo vinho gaúcho no Rio era perigoso — ou porque não prestava mesmo ou porque se metia nêlo muito álcool estranho para agüentar a viagem ou porque a falsificação era a regra. E a gracinha comum era dizer que vinho nacional «dava azia em caixa de bicarbonato». E dava.

Foi ali pelos 20 anos, quando fui morar em S. Paulo, que as más companhias me habituaram a comer com vinho — um **barbera**, geralmente. Só muito mais tarde, depois de viver em Paris e me acostumar ao **beaujolais**, é que tive a grata surpresa de comprovar que haviam vinhos brasileiros que a gente podia tomar com prazer e sem dor-de-cabeça; um **cabernet**, por exemplo, a que me afeiçoei e que, embora de qualidade desigual, é quase sempre muito bom. Verifiquei depois, no Chile e no Marrocos, que esse é um dos tipos de vinho francês que melhor se adaptam a outros países. Aos brasileiros **snoobs** posso afirmar que em casa de francês no Brasil, mesmo francês de posses (não estou falando de milionário) o vinho que se toma todo dia é mesmo vinho brasileiro, e isso com muito prazer, ~~alegria~~.

Mas sou, afinal, de contas, um fraco tomador de vinhos; mais em tempo frio e no jantar; e não sou muito do branco. Não fiz do vinho um hábito, ~~como o cigarro~~. E talvez por isso mesmo devo ao vinho alguns dos momentos melhores da minha vida, de efusão cordial ou sentimental, de alegria leve de prazer físico e intelectual. Mesmo assim acho exagerado o que disse certa vez no velho Teatro Lírico do Rio (era tão bom e tão bonito, e existia ali no Largo da Carioca) um gaiteiro qualquer. Uma senhora declamava (meu Deus! como eu sou velho! sou de um tempo em que haviam senhoras que declamavam!) um poema não sei de quem, de algum Omar Khayyam de segundo time, e a certa altura indagou:

«Além de vinhos e mulheres, que mais queres?»

E lá da «torrinha» veio a voz do sujeito:

— «Néris. . .»

Claudia n.º 13
Ele e Ele 136

Conversa
a respeito
de vinhos

Um fraco
bebedor

de
vinhos